

## HISTIOCITOSE PROGRESSIVA DENDRÍTICA FELINA: RELATO DE CASO

GORINI, N.H.<sup>1</sup>; PADOVANI, L.<sup>2</sup>; HASHIZUME, E.Y.<sup>3</sup>; REIS FILHO, N.P.<sup>4</sup>; BOSELLI, C.C.<sup>5</sup>; BRACARENSE, A.P.F.R.L.<sup>6</sup>; ARIAS, M.V.B.<sup>7</sup>; ZANUTTO, M.S.<sup>7</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Veterinária – UEL, PR

<sup>2</sup> Residente em Clínica Médica do Hospital Veterinário – UEL, PR

<sup>3</sup> Prof. Departamento de Veterinária – UniFil, PR

<sup>4</sup> Mestrando em Cirurgia Veterinária – UNESP Jaboticabal, SP

<sup>5</sup> Técnica Departamento de Medicina Veterinária Preventiva – UEL, PR

<sup>6</sup> Profa. Departamento de Medicina Veterinária Preventiva – UEL, PR

<sup>7</sup> Prof. Departamento de Clínicas Veterinárias – UEL, PR

E-mail: narahg1@yahoo.com.br

A histiocitose é um grupo de doenças onde se inclui a proliferação neoplásica de células dendríticas. A etiologia e patogenia ainda são desconhecidas e é frequentemente fatal. A doença é caracterizada por nódulos múltiplos ou solitários cutâneos, com potencial de evoluir para neoplasia histiocítica maligna, com metástases em linfonodos e vários órgãos (pulmões, rins, baço e fígado). Os nódulos podem aumentar unindo-se, formando placas ou diminuir de tamanho espontaneamente, mas não há relatos de regressão completa. Geralmente são indolores, podem tornar-se ulcerados, alopecicos e com dor. As lesões primárias se localizam nas patas e face. O presente relato descreve a evolução clínica de um felino, macho, castrado, sem raça definida, 13 anos, com histórico de apatia, hiporexia e nódulos na articulação tíbio-társica esquerda com claudicação do membro e aumento do linfonodo poplíteo esquerdo, com evolução de algumas semanas. Os exames laboratoriais indicaram leucopenia, linfopenia e a ultrassonografia abdominal, aumento dos linfonodos sublobares. O resultado do exame citológico e do histopatológico do membro amputado indicou histiocitose progressiva dendrítica felina. O paciente realizou quatro ciclos de quimioterapia (doxorubicina), mas o quadro se agravou com a formação de efusão pleural e consequente dispneia. O animal foi submetido à eutanásia e na necropsia constatou-se caquexia, linfadenomegalia, atelectasia pulmonar, pleurite fibrosante e metástases em região mediastínica, inguinal esquerda, peripancreática e medular, com infiltração perivertebral. Essa doença é de diagnóstico difícil, com escassez de relatos em gatos, responde pobremente à quimioterapia e, quando ocorrem metástases, tem um prognóstico ruim.

**Palavras-chave:** histiocitose, células dendríticas, gatos.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS DO PROGRAMA DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DE ITRACONAZOL PARA CONTROLE DA ESPOROTRICOSE EM GATOS DOMÉSTICOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, RJ

KALIL, T.R.<sup>1</sup>; MELO NETO, J.T.<sup>2</sup>; MENDES-DE-ALMEIDA, F.<sup>3</sup>; BORGA, D.B.<sup>2</sup>; HIGINO, M.C.<sup>2</sup>; BARBOSA, G.L.<sup>2</sup>; BRANDÃO, C.P.<sup>2</sup>; ALVES, K.P.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Graduanda de Medicina Veterinária, UFF e bolsista da Unidade de Medicina Veterinária do Instituto Jorge Vaitsman

<sup>2</sup> Graduando de Medicina Veterinária, UFF

<sup>3</sup> MV, MSc, DSc, Profa. Departamento de Patologia e Clínica Veterinária, UFF

<sup>4</sup> MV, Unidade de Medicina Veterinária do Instituto Jorge Vaitsman

E-mail: thaissakalil@gmail.com

**Introdução:** A esporotricose é uma doença subaguda ou crônica, transmitida por fungos da espécie *Sporothrix schenckii*, que acomete tanto humanos quanto animais. Na maioria das vezes, manifesta-se com uma infecção benigna limitada à pele e ao tecido celular subcutâneo e geralmente está associada a feridas traumáticas ou penetrantes. *Sporothrix sp.* são encontrados no solo, crescendo em plantas, cascas de árvores, vegetais e material em decomposição, estando preferencialmente presente em ambientes quentes e florestas úmidas. A distribuição da esporotricose é mundial, ocorrendo principalmente em áreas tropicais e subtropicais. A esporotricose é considerada uma zoonose, pois os casos de transmissão dos animais para humanos são bem documentados. Gatos vêm sendo considerados os maiores transmissores e infectam-se ao arranhar pedaços de madeira, ou em brigas por alimento ou disputa por território com outros gatos. Nessa espécie, a forma cutânea é a mais frequente e se manifesta como lesões pápulo-nodulares, geralmente localizadas na região cefálica, na parte distal dos membros ou na base da cauda. A riqueza parasitária potencializa a capacidade infectante das lesões. A transmissão da esporotricose felina aos humanos ocorre por meio de mordeduras e arranhaduras de gatos infectados ou ainda pelo contato da pele ou mucosa com secreções das lesões causadas pela esporotricose. O diagnóstico baseia-se no histórico e na anamnese, exame físico e dermatológico feito pelo médico veterinário, além de exames laboratoriais. Dentre os exames complementares, existem o citodiagnóstico, cultivo micológico, intradermoreação e histopatologia. A droga de eleição para tratamento é o itraconazol, um composto triazólico, primariamente fungistático, que tem como mecanismo de ação alterar a permeabilidade da célula fúngica. Esse medicamento tem mostrado maior atividade contra o *S. schenckii* quando comparado a outros antifúngicos e possui eficácia e segurança para o uso em diversas espécies. O tratamento dessa enfermidade deve estender-se por muitas semanas. Aconselha-se a continuação por dois a três meses após a cicatrização das feridas cutâneas. A espécie felina responde bem ao tratamento regular e prolongado. Desde 1998, os Serviços de Dermatologia Infecciosa e de Zoonoses do Centro de Pesquisa Hospital Evandro Chagas – Fiocruz vem observando a ocorrência de um número crescente de casos de esporotricose em humanos e felinos, principalmente sob a forma de surtos, configurando uma epidemia na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. A região da Baixada Fluminense concentra o maior número de casos, embora estes também ocorram em toda a região metropolitana do Estado, inclusive nas Zonas Sul e Oeste. A micose, que no passado tinha origem em lesões provocadas pela manipulação do solo, por farpas de madeira ou espinhos de plantas, hoje é transmitida, na maioria das vezes, por animais doentes. Em meio a esse cenário, foi elaborado o projeto “Rio Unido Contra a Esporotricose”. Esse projeto foi proposto por profissionais da área de saúde da Unidade de diagnóstico, vigilância, fiscalização sanitária e medicina veterinária do Instituto Jorge Vaitsman (UJV), RJ, que consiste na distribuição de programada gratuita do medicamento itraconazol para o